

EDITORIAL

POLÍTICAS, MITO E HISTÓRIA

Alexandre Silva Nunes*
Escola de Música e Artes Cênicas
Universidade Federal de Goiás

Durante muito tempo, as noções de mito, política e história pareceram demasiado distantes. Melhor seria dizer que as noções de política e história, especialmente nas fases áureas do pensamento positivo ocidental, pareciam muito distantes da noção de mito, até mesmo antagônicas. No território das ciências sociais e dos movimentos de engajamento político, tornou-se célebre a máxima marxista, segundo a qual, a religião seria o ópio do povo. Ópio, neste caso, não surgia como alusão às faculdades dionisíacas de alteração da consciência, possuía mesmo função depreciativa: mecanismo de alienação da consciência. E sendo a religião fruto da condensação de imagens simbólicas, o mito, na lógica derivada, é arrastado junto.

Também as contradições entre a realidade do mito e a da história já foram causa de muita

controvérsia. Até pouco tempo atrás, nos era ensinado na escola a necessária (para a época) distinção entre os territórios da história, com H (para reforçar sua potência realista), e da estória, sem H (para reforçar seu caráter *pouco confiável* de fábula). Essa suspeita encontra substrato naquilo que Gilbert Durand (1921 - 2012) denominou de “desconfiança iconoclasta” para com a imaginação:

Durante muitos séculos e especialmente a partir de Aristóteles (século 4 a.C.), a via de acesso à verdade foi a experiência dos fatos e, mais ainda, das certezas da lógica para, finalmente, chegar à *verdade* pelo raciocínio binário que denominamos de dialética e no qual se desenrola o princípio ‘da exclusão de um terceiro’ na íntegra (...) A imaginação, portanto, muito antes de Malebranche, é suspeita de ser ‘a amante do erro e da falsidade’. (DURAND, 2011, p. 10).

Numa linha de pensamento similar à

de Durand, James Hillman (1926 - 2011) foi além da denúncia das suspeitas para com a imaginação, evidenciando o oposto daquilo que pregava o pensamento positivo. Segundo o axioma proposto por Hillman, há conexões estreitas entre os primados do mito e da história. E, forçosamente, entre mito e política. Apesar de robusta, diríamos que sua proposição apenas sintetiza com muita precisão o estado atual do pensamento contemporâneo: o mito sempre subjaz a qualquer fato e é mais precisamente ele quem dá ao fato o status de história, ou seja, dá a ele um sentido, uma forma de ser visto (imaginado) significativamente. De apreender-lhe algo que supera as categorias da razão. (cf. HILLMAN, 1998)

É com este espírito de aberturas e cruzamentos *entre-territórios* que a revista Arte da Cena traz ao público seu novo número, que parte das políticas e economias da arte, avança pela história, penetra o território do mito e nos devolve à história, à política e à cena, nos diversos textos que condensa.

O dossiê temático **POLÍTICAS & ECONOMIAS DO MUNDO DAS ARTES** que esta edição abriga desenvolve-se, ele próprio, num formato desterritorializado, onde o tópos das políticas, da ação artística, das macro e micro economias das artes da cena são analisados

numa perspectiva que vai além do campo cênico, colaborando com uma abordagem transdisciplinar, na qual as problemáticas das políticas culturais (que mormente se entrecruzam entre as linguagens artísticas) podem ser pensadas em relações *interartísticas*. Neste contexto, a própria noção de *performance* mostra-se potente para abarcar uma gama muito maior de perspectivas, como faz Valquiria Guimarães Duarte, ao discutir o conceito de *performance process* na gestão das artes.

Vivemos num tempo em que a fruição de espetáculos esbarra numa tensão essencialmente política e econômica, para a qual não apenas os produtores, mas os próprios artistas têm se encontrado diante do desafio de redescobrir e reinventar soluções capazes de responder ao cenário cultural contemporâneo. Neste sentido, o presente dossiê surge como exercício de discussão, nas palavras de Pizarro, dos

problemas da temática da gestão em artes, na cena das produções artísticas contemporâneas, realizando um esforço transdisciplinar entre campos de conhecimento que envolvem gestão, administração, política, políticas públicas, história dos bens, produtos e equipamentos culturais e artísticos, relatos de experiência, memória, economia (...)

No primeiro texto do dossiê, que faz as vezes de introdução, Pizarro desenvolve um pensamento complexo, no qual todos os artigos

são adequadamente apresentados e conectados num esforço de reflexão transversal sobre o tema.

Além do dossiê, este número da Arte da Cena traz também outros quatro artigos, além de uma resenha sobre recente publicação de Rustom Barucha. E é no contexto das relações entre o dossiê e os demais textos que experimentamos esse trânsito entre os territórios da política, da economia, da performance, do mito e da história.

Na esteira das questões políticas que o dossiê levanta, Dodi Leal, em artigo submetido ao fluxo contínuo, levanta problemáticas sobre a atualidade do *Teatro do Oprimido* de Augusto Boal, discutindo alguns dos questionamentos sobre o efeito de teatralidade deste tipo de teatro e indicando uma “*pedagogia da aproximação* como nova abordagem criativa”. Seus estudos partem de experimento prático realizado em São Paulo que lhe permite analisar as perspectivas cênicas de Boal, num contexto que entrelaça psicologia social, participação política e eficácia cênica, numa perspectiva também transdisciplinar.

Camila Duarte, em seu artigo sobre *performance* e fluxos migratórios, explora de forma pontual outras tensões entre história, *performance* e política, analisando as interações de vida e arte na obra de Lida Abdul. Nascida no Afeganistão, refugiada e radicada nos Estados

Unidos da América,

Abdul interroga a realidade, considerando-a em sua profundidade, e ao mesmo tempo cultivando e fortalecendo, por meio de uma linguagem constituída de feridas expostas e abertas, a própria história e realidade.

Na seqüência destes cruzamentos, Karla Martins apresenta partes do mergulho que vem realizando em sua pesquisa, acerca do percurso artístico-religioso de Teresa de Lisieux e dos cruzamentos que vem estabelecendo, na sala de ensaio, entre sua experiência religiosa, seu trabalho teatral e a estrutura mítica que envolve a figura pesquisada. No trabalho de Martins, as interações entre mito e história se tornam evidentes e se revelam como ingredientes ricos para investigações práticas no campo da performance de cena, a partir de uma *mitodologia em arte* capitaneada por Luciana Lyra.

Potencializando estas relações entre mito, história e teatro, a professora Maria Cristina Bonetti, doutora em ciências da religião e pesquisadora experiente no campo das danças sagradas, faz uma singular incursão na dimensão mítica, histórica e dramática de Dioniso, analisando as relações entre o fenômeno trágico na Grécia Antiga e os elementos metafóricos que a simbólica do mito dionisíaco envolve.

Como aluna de Maria Gabriele Wosien, Bonetti é capaz de estabelecer um mergulho profundo na imagética multifacetada de Dioniso, abordando a mitologia do deus em suas relações com a simbologia da serpente:

Distintos significados são atribuídos às danças antigas e ritualísticas e estas são lidas de acordo com a presença de elementos e percepções estéticas que se relacionam com a linguagem, guardando, pois, suas propriedades nas formas simbólicas que revelam seus arquétipos expressos na metáfora mítica dançada. Dentre as muitas formas expressas na dança, encontram-se as espirais e os motivos de labirinto, que remontam à simbologia da serpente, que é um dos símbolos na caracterização de Dioniso.

Na seqüência deste trabalho, a autora é aguda quando não se limita a discutir os caracteres mais recorrentemente associados a Dioniso. Em sua análise reflexiva, ela apresenta uma abordagem complexa, na qual o aspecto meditativo que a figura do deus ancestral comporta, mas que é comumente esquecido, vem à tona, revelando a amplitude imagética que seu mito resguarda.

Enfim, para fechar este número, trazemos uma resenha de Lúcia Fabrini de Almeida, na qual a pesquisadora das relações interculturais entre Índia, Brasil e América Latina nos presenteia com uma análise sobre o novo livro de Rustom Barucha, *Terror and Performance*, nos devolvendo ao mundo da história e da

política, num contexto de ampliação da noção de performance e de suas conexões com o panorama social, de intolerâncias e conflitos culturais que vivemos. Esta abordagem se completa com o uso, intercambiante, entre sua própria experiência, a obra de Barucha que apresenta e a leitura, em paralelo, da obra de Laura Rita Segato, *Las Nuevas Formas de la Guerra y el Cuerpo de las Mujeres*.

Este mergulho nas tensões sociais que vivemos, não se faz sem uma boa meditação sobre a potência metafórica que o tema comporta, assim como com a indicação de caminhos capazes de apontar soluções pacificadoras ao problema. Nas palavras de Fabrini, “circularmente, o ‘além de’ enlaça este livro ao mostrar a não violência gandhiana como o pulo, o salto e o voo no desconhecido”.

E é com a miragem da superação de todas as violências, na busca por horizontes mais poéticos e politicamente viáveis, que a revista Arte da Cena convida seus leitores à nova aventura que esta edição oferta.

REFERÊNCIAS

DURAND, Gilbert. *O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem*. Tradução Renée Levié. 5ª ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2011.

HILLMAN, James. *O livro do puer: ensaios sobre o arquétipo do Puer Aeternus*. Tradução Gustavo Barcellos. São Paulo: Paulus, 1998.

* ALEXANDRE SILVA NUNES é editor-chefe da revista *Arte da Cena* e líder do grupo de pesquisa ÍMAN - Imagem, Mito e Imaginário nas Artes da Cena, através do qual co-realiza as edições anuais dos Encontros Arcanos, evento científico dedicado ao estudo das relações entre teatro, autoconhecimento e mitologia. É coordenador e encenador do LABORATORI - Núcleo Multidisciplinar de Pesquisa nas Artes da Cena, com experiência em espetáculos dirigidos em Recife, Londrina, Salvador e Goiânia. Criador e um dos gestores do Festival Universitário de Artes Cênicas de Goiás - FUGA, é Doutor em Artes Cênicas, pela Universidade Federal da Bahia - UFBA (2010), Mestre em Artes pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP (2005) e Licenciado em Artes Cênicas, pela Universidade Federal de Pernambuco (2000). É professor Adjunto da Escola de Música e Artes Cênicas (EMAC) da Universidade Federal de Goiás (UFG), onde leciona nos cursos de Artes Cênicas, Direção de Arte e Dança. Foi membro do Conselho Deliberativo da Fundação Rádio e Televisão Educativa e Cultural - RTVE, no biênio 2014-2015. É autor do livro *ATOR, SATOR, SATORI - Labor e Torpor na Arte de Personificar*, publicado pela Editora da UFG.